

TEXTO EXTRAÍDO DO LIVRO “**APRENDER BEM/MAL**, DE **PEDRO DEMO**, (ED. AUTORES ASSOCIADOS), 97p. , 2008

O que fazer?

Os questionamentos anteriores surgiram de algumas iniciativas, que tento sumariar rapidamente. Não se trata de fórmulas prontas, mas de pistas alternativas que poderiam induzir mais confiavelmente a aprendizagem dos alunos. Em certa medida, estamos tão habituados com a escola que temos, que mudar pareceria invencionice. Poucas instituições são mais rotineiras do que a escola, aonde se vai todo dia fazer a mesma coisa. De fato, muitos reclamam disto: rotina, mormente rotina obsoleta. Aí reside grande desafio: vincular a escola aos desafios dos novos tempos, para que possa monitorar os tempos, não apenas correr atrás cambaleando. Para não me esparramar em múltiplas pistas, ressalto que algumas mais experimentadas e promissoras.

1 – Cuidar do professor

Aprendi, em anos de labuta, êxito e fracassos, idas e vindas, que o melhor caminho para dar conta da aprendizagem dos alunos é cuidar do professor. Se esperamos que o professor cuide do aluno, premissa inarredável para tanto é cuidar do professor. Isto pode significar muita coisa, destacando-se:

- a) Oferta adequada de formação permanente, semestre a semestre, de tal modo a manter o professor estudando sempre; podem ser cursos intensivos, recorrentemente oferecidos, nos quais pesquisar e elaborar sejam a regra, como podem ser cursos mais longos, o que já implica, pelo menos de vez em quando, retirar o professor da escola; podem ser também cursos de pós-graduação *stricto sensu*, demandando ainda maior generosidade dos sistemas e dos professores; durante o semestre, cada professor deveria manter-se estudando, seja lendo livros e dando conta deles analiticamente, seja conduzindo alguma pesquisa ou elaboração própria, seja produzindo material didático próprio, também publicando de tal sorte que o exercício da autoria seja permanente; o ideal seria que cada sistema (municipal, em especial) tivesse seu centro de formação permanente, com biblioteca adequada e atualizada, também visual, sinalizando que estudar é profissão; trata-se aí de mudança

profunda de mentalidade, com o objeto de superar o instrucionismo que corrói nossas entranhas.

- b) Oferta constante de atualização permanente, um pouco mais suave que a anterior, voltada para chances de participar de eventos motivadores, nos quais os olhos possam abrir-se para novos desafios, observar exigências do futuro, preservar a competência em dia; podem ser ofertas culturais, para que o professor burile melhor seu espírito, experimente o mundo das artes, envolva-se com expressões culturais mais sofisticadas, podem ser participações em oficinas ou coisa parecida que motivem mudanças de visão.
- c) Cuidado com a remuneração, vinculando-a estreitamente com o compromisso, da aprendizagem dos alunos; embora a escola seja pouco produtiva em sua improdutividade, quer dizer, reprodutiva do sistema, não se pode retirar daí que os professores ganham em excesso; é contraditório o ponto de vista liberal, quando, de um lado, mostra vinculação estreita entre educação e renda, e, de outro lado, desqualifica os professores; o desafio é vincular remuneração e aprendizagem dos alunos, não mecanicamente, mas razoavelmente; é essencial que o professor possa levar vida digna (DEMO,2007b), porque não combina com seu projeto de contribuir para a dignidade da sociedade, se ele mesmo viver em condições indignas.
- d) Cuidado com a saúde, tendo em vista que a lide escolar pode ser desgastante ao extremo; em parte, os professores estão doentes, mesmo tendo-se de reconhecer que facilmente eles produzem uma indústria de atestados médicos; condenados ao sistema público de saúde, sem planos próprios de saúde, os professores são obrigados a conformar-se com cuidados precários e intermitentes, não podendo usufruir minimamente desse direito; facilmente surgem também problemas de distúrbios mentais que precisam de apoio;
- e) Cuidados coma autoestima, refazendo o sentido da profissão em sua centralidade na sociedade do conhecimento e da aprendizagem; para tanto, uma iniciativa importante é tratar bem os encontros, seminários, eventos, em especial em cursos intensivos, para sentirem o quanto são importantes para o futuro da sociedade.

2 – Cuidar do aluno

Nada é mais importante na escola do que cuidar do aluno, sistematicamente, semana a semana, sai após dia, com o intuito de garantir seu direito de aprender. Esta é mudança radical, pois ser professor é cuidar que o aluno aprenda. Aula faz parte, mas é supletiva. No começo do ano, é crucial organizar na escola uma semana de avaliação, tendo como objetivo diagnosticar a condição de cada estudante e, a partir daí, traçar as metas até o fim ano, aluno por aluno. Isso é ainda mais importante na 1ª série, por ser a mais decisiva. Em seguida, o processo avaliativo deve manter-se pelos meses afora, de tal sorte que, em qualquer momento, seja sempre possível afirmar como está a situação de cada aluno. Assim, pode-se chegar ao fim do ano sem necessidade de reforço, por conta desse cuidado preventivo sistemático. Avaliação inteligente não se interessa apenas pelo domínio de conteúdos, mas vai atrás do saber pensar, argumentar, fundamentar, elaborar, pesquisar.

Para cuidar, é indispensável avaliar. Portanto, temos de repensar nossas idéias sobre avaliação. Elas foram pervertidas por vários percalços, entre eles: abuso da avaliação para fins autoritários e disciplinares; abuso da nota como arma do professor e estigmatização do aluno; questionamento infundado da avaliação como tal, não dos abusos dela; fuga da avaliação, para não ser avaliado; transformação da progressão em progressão automática; muita conversa fiada, em especial de suas conseqüências. Valorizar processos avaliativos supõe, primeiro, um olhar severamente crítico sobre avaliação, já que é procedimento arriscado, sempre incompleto, facilmente injusto, tendencialmente autoritário. Só pode ser bem conduzido por profissionais bem preparados. Segundo, há que entender o processo como expediente de garantia da aprendizagem do aluno, como expressão maior do cuidado com a sua aprendizagem. Quem cuida, avalia. Quem não cuida, dá aula!

Cuidar implica também em envolvimento emocional, estabelecido entre professor e aluno em laço de confiança recíproca, fazendo parte da autoestima de ambos. Para além da competência técnica e pedagógica, o professor precisa desenvolver a habilidade de envolvimento, por intermédio da qual ajuda a construir no aluno a noção sujeito autônomo. Ao contrário do que

se pensa, a autoestima é dinâmica muito mais emocional do que lógica. Por não poder ser completa, já que é figura histórica, exige saber trabalhar também seus limites, para não virar paranóia e agressão. Não se trata de promover, a qualquer custo, o prazer imediato, porque esse é expressão superficial, muitas vezes imbecilizante. Cuidar exige que o professor saiba modular elegantemente a motivação do aluno, empurrando-a para desafios casa vez altos, como ocorre nos jogos eletrônicos. Os alunos gostam de desafios, em geral desafios duros, desde que tenham significados e envolvimento. Não é assim que o aluno já não queira mas nada. Ele pode não querer que o professor quer. Mas, dentro do âmbito de sua motivação, pode até querer tudo, mesmo demais. Cuidar do aluno supõe vê-lo no seu conjunto, corpo e alma, matéria e espírito, razão e coração. Por isso, diz-se que a aprendizagem deve ser situada, no sentido de acontecer concretamente na vida de cada aluno, de tal sorte que se sinta parte do autor. Sobretudo, é crucial para o aluno perceber que é o centro da dinâmica da aprendizagem.

3 – Mudar

Não se trata de mudar por mudar, de mudar como modismo. A grande questão é saber mudar, sem pretender o controle burocrático da mudança. Mudança que de verdade acontece sem controle, como são as mudanças naturais. A natureza inventou a vida neste processo de desorganização incontrolada, e já não a controla. Criou o ser humano e também já não o controla. A escola não tem essa coragem. Quer manter o controle sobre a mudança, para não correr riscos de ter de mudar de verdade. Por isso, é bem mais fácil observar como resiste, não como muda. A aula instrucionista é, nesse contexto, nada mais que o produto natural, conseqüente. Uma escola replicativa só pode girar em torno de aulas replicativas.

Como Plant (1999), mudaram a mudança; ela acelera-se, torna-se intempestiva, corre bem mais que nós, Há risco de nos tornarmos objeto dela. Estamos, assim, sob o fogo cruzado: de um lado, o ritmo de mudança é cada vez mais avassalador e não há como ficar de fora; ou entramos nele de boa vontade, ou somos arrastados como num tufão; de outro, seria fundamental saber mudar, para não nos enterrarmos em modismos. Talvez fosse o caso modular melhor o que seria saber mudar, para retirar daí o ranço de controle, abrindo caminho para o desafio de inovar em favor do aluno. Ai podemos ter um parâmetro razoável. Não adianta

mudar, se com isso o aluno não aprende melhor. Mas adianta mudar tudo, se com isso o aluno tiver condições aprimoradas de aprender. Observando a escola, é indispensável a sensação de coisa velha, em especial quando contrastada com as novas tecnologia. Entre as coisas mais velhas, está a aula instrucionista. Peça de museu. Trapo de múmia.

Deve incomodar-nos que o aluno goste cada vez menos da escola, em particular das aulas. É preciso mudar a mentalidade escolar que ainda define aprendizagem como aula. Essa tem se mantido como signo da autoridade do professor, não como didática à altura do aluno. Também o professor não tem coragem de aceitar o desafio de não exigir presença em suas aulas. Sabe que ficara sozinho. Nem ele mesmo suporta suas aulas. Conhecimento repassado não é conhecido. É seu extermínio. É preciso mudar para que o aluno possa aprender.

** agradecimento à Secretária Tania Luiza da Silva Toffoli (CCA) , pela digitação deste material.